



## **Olavo de Carvalho e as Direitas Políticas na Nova República**

Renan Rivaben Pereira<sup>1</sup>

**Resumo:** Para muitos, a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, em 2018, só fora possível pela atuação há décadas do ideólogo Olavo de Carvalho. Depois de 2018, o autointitulado filósofo passou a ser chamado de “guru do presidente” e teve influência direta na composição dos ministérios. A pecha de “guru” foi somada à outra: a de ser parteiro da nova direita brasileira. Segundo o próprio Olavo de Carvalho, ele começou sua atuação pública como intelectual conservador em 1989 e, nos anos de 1990, passou a publicar artigos em grandes veículos de comunicação, como no *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Em 1998, Carvalho passou a atuar na internet e, posteriormente, conseguiu popularidade significativa com performances semanais que misturava arrojados agressivos, humor e obscenidades com análises políticas, culturais e filosóficas. Analisar as proximidades de Olavo de Carvalho de diferentes direitas políticas, entre 1994 e 2014, possibilitará melhor compreensão da circulação e aceitabilidade de ideais ultraconservadores e anticomunistas na Nova República. Além disso, busca-se entender os motivos que levaram o ideólogo a ocupar centralidade na nova direita brasileira a partir do conceito de *ralé* de Hannah Arendt. Em suma, a pesquisa acredita ser uma contribuição para os estudos sobre anticomunismo e direitas políticas.

**Palavras-chave:** Olavo de Carvalho; Nova Direita; Anticomunismo.

Essa é uma pesquisa que propõe abordar o anticomunismo brasileiro na pós-redemocratização a partir da trajetória de uma personagem que se tornou referência intelectual para movimento das novas direitas do país. Em meados dos anos 1990, Olavo de Carvalho conseguiu se estabelecer como um articulista conservador em jornais importantes do país, como *O Globo* e *Jornal do Brasil*, e, em 2014, depois de ter perdido tal visibilidade, tornou-se autor *best-seller* pela editora Record com o livro *O Mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Seu sucesso era um claro indício da onda política crescente à direita que varreria o país e que resultaria, entre outros, na cassação do mandato da presidente Dilma Rousseff, na prisão do presidente Lula, na eleição de Jair Bolsonaro e num forte sentimento anti-esquerdista que inviabilizaria desde diálogos republicanos entre políticos, como os democráticos entre amigos e familiares.

---

<sup>1</sup> Doutorando e bolsista CAPES pelo Programa de Pós Graduação em História (PPGH) da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC). E-mail: renanpereira10@hotmail.com



A ascensão das novas direitas, onda política que possibilitou a volta de uma direita conservadora à presidência, aconteceu através de políticas de choque e de discurso anti-*establishment*. Segundo Camila Rocha e Jonas Medeiros, isso se deu porque os envolvidos entendiam-se como marginais da hegemonia cultural de esquerda, ideia essa advinda, principalmente, do autodeclarado filósofo Olavo de Carvalho. (ROCHA & MEDEIROS, 2021, p. 7). Segundo esta, a esquerda estaria acampada nas universidades, nas escolas, nas editoras, nas artes, na televisão e nos jornais e à direita só restariam os guetos que seriam os blogs e redes sociais na internet.<sup>2</sup>

Segundo Daniela Mussi e Alvaro Bianchi, Olavo de Carvalho foi o responsável por trazer ao Brasil, de forma indireta, o antigramscismo italiano do final da década de 1970.<sup>3</sup> Em 1994, o jornalista e escritor publicou *A Nova Era e a Revolução Cultural*, livro no qual falava de uma revolução em marcha no país através da cultura e dos meios de comunicação. O comunismo teria mudado seu *modus operandi* e deixado o levante armado devido às ideias do intelectual italiano Antônio Gramsci. Ainda no final de 1994, Carvalho estreou na grande imprensa com a publicação de *Bandidos & Letrados* no *Jornal do Brasil*. Naquele momento, debatia-se sobre o fato do Exército ter ocupado o Rio de Janeiro no combate ao crime organizado, mas, na opinião de Carvalho, a culpa era antes dos intelectuais de esquerda que heroicizaram bandidos por décadas e ainda, na época da luta armada, ensinaram-lhes no presídio de Ilha Grande a se organizarem (CARVALHO, 1994, p. 11).

Natália dos Reis Cruz identificou que as ideias de Carvalho não eram, propriamente, originais. O conceito de *metacapitalismo*, por exemplo, que envolve a união entre capitalistas e os comunistas num mesmo plano global de domínio já era presente no discurso antissemita dos anos 1930 (CRUZ, 2023, p. 34). Os judeus seriam de um mesmo empreendimento global de domínio e riqueza, então Marx, Lênin e a família de banqueiros Rothschilds, ao final, seriam braços diferentes dessa mesma força secreta que, por detrás do trono, fazia dos governantes meras marionetes (ARENDDT, 1989, p. 48). Nesse mesmo viés, Plínio Salgado, líder da Ação Integralista Brasileira (AIB), escreveu em seu livro *Doutrinas e táticas comunistas* (1956) que um capitalismo sem alma facilitou em tudo o desenvolvimento da União Soviética (URSS) e do comunismo russo (SALGADO, 1956, p. 20).

---

<sup>2</sup> Segundo Camila Rocha, a alta popularidade do governo Lula em seu segundo mandato teria feito os antiesquerdistas de fato perderem espaço, então a internet teria sido um bom refúgio (ROCHA, 2019, p. 21).

<sup>3</sup> Segundo os autores, esse antigremacismo italiano chegou até ele através de autores como o argentino Alfredo Sáenz, o inglês Roger Scruton e o estadunidense Patrick Buchanan (BIANCHI & MUSSI, 2022, p. 16-21).

É certo que a partir dos anos 1930 passaram a circular por aqui livros anticomunistas importados, como *No país dos soviets* e *Moscovo sem máscara*, e também de escritores nacionais, como *O comunismo russo e a civilização cristã* (1930) de Dom João Becker e, por exemplo, *A sedução do comunismo* (1933) de Everaldo Backheuser. Como já demonstrou Rodrigo Patto Sá Motta, o anticomunismo é fenômeno político capaz de potencializar sentimentos, como a raiva e o medo, e se fez presente em momentos-chaves da nossa história do século XX (MOTTA, 2000). Assim, como produto e produtora dessa força, existe uma larga produção textual que intitularemos aqui de *literatura anticomunista*, à qual, parece não haver dúvidas que, Olavo de Carvalho conseguiu com êxito se integrar e contribuir no período mais recente da nossa história, a Nova República.

O jornalista e escritor Bruno Paes Manso, autor de *A República das milícias* (2020), livro ganhador do Jabuti de biografia e reportagem, revelou que conheceu os textos de Olavo de Carvalho, em 2002. Naquela ocasião, seu orientador de doutorado em Ciência Política na Universidade de São Paulo (USP) disse que Olavo era a única pessoa na imprensa que lhe interessava, e Manso, depois de ler alguns textos no site do indicado, resolveu comprar o seu livro *Aristóteles em nova perspectiva: Introdução à teoria dos quatro discursos* (1997). Como não havia mais exemplares à venda, mandou e-mail para o autor e esse o enviou o arquivo completo do livro. Segundo Manso, havia algo de fascinante em seus textos que, com erudição notável, tratava de filosofia não para acadêmicos, mas com clareza e sagacidade para leitores comuns (MANSO, 2020, p. 278-279).

Olavo de Carvalho foi editor da revista *Bravo!* e colunista do jornal *O Globo* e outros veículos importantes e acabou tornando-se amigo, por exemplo, do jornalista Paulo Francis, do poeta Bruno Tolentino e do deputado e ex-ministro do governo Castelo Branco, Roberto Campos.<sup>4</sup> No final da década de 1990, Olavo realizou várias conferências para polícias militares e no Estado-Maior do Exército e recebeu a Medalha do Pacificador, em 1999, pelo general Gleuber Vieira, comandante do Exército no governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), e Medalha do Mérito Santos Dumont pela Aeronáutica, em 2001. Além das publicações de livros e artigos na grande imprensa, concedeu também entrevistas na televisão para Pedro Bial e Boris Casoy, respectivamente, em 1996 e 1998. Entretanto, começou a

---

<sup>4</sup> Tolentino participava dos seus cursos e prefaciou o seu livro *O Jardim das Aflições* (1995) e Paulo Francis foi homenageado, como amigo e profissional, na edição de 1997 do livro *O imbecil coletivo* (1996). Segundo Márcia Teixeira, que era colaboradora do Instituto Liberal (IL-RJ) no final da década de 1990, Olavo também era próximo de Roberto Campos (ROCHA, 2019, p. 100-102).



perder esses espaços na medida em que, na visão de Manso, tornava-se mais visceral o seu anticomunismo (MANSO, 2020, p. 279-281).

Ainda como colunista do *O Globo*, Carvalho passou a usar a internet para divulgar seus textos e trabalhos e criou, em 1998, o blog *Sapientiam autem non vincit malitia* (A sabedoria não é vencida pela malícia) e, junto com outros articulistas, o site Mídia Sem Máscara, em 2002. Em 2004, quando o Orkut foi criado, quatro comunidades da rede já faziam referência direta ao escritor: *Olavo de Carvalho, A filosofia de Olavo de Carvalho, Olavo de Carvalho nos odeia, Eu odeio o Olavo de Carvalho*. Nesses círculos digitais à direita aconteciam debates acalorados, troca de ideias e bibliografia entre conservadores, liberais e *ancaps* (anarcocapitalistas) e, segundo Camila Rocha, foi nesses ambientes a partir, sobretudo, de 2006 que nasceram as novas direitas brasileiras (ROCHA, 2019, p. 120-121).

No final de 2006, já morando nos Estados Unidos, ele criou um *broadcast live* na plataforma gratuita Blog TalkRadio, espécie de programa semanal de rádio na internet que durou até 2013. Segundo Silvio Grimaldo, aluno que, a partir de 2006, passou a trabalhar com o seu professor na divulgação de seu trabalho nas redes, o *True OutSpeak* foi um sucesso total e “o resto é história” (GRIMALDO, 2023). Em 2009, Grimaldo e Olavo lançaram na internet o Curso Online de Filosofia (COF) que, entre os encontros semanais ao vivo com o professor, oferecia séries temáticas de aula, como *Metafísica, A consciência de imortalidade, Conceitos fundamentais da psicologia, A crise da inteligência segundo Roger Scruton, Introdução à filosofia de Louis Lavelle* e outros. Apesar do falecimento de Olavo de Carvalho, em janeiro de 2022, a plataforma do curso continua ativa com mais 500 aulas gravadas.

Em 2013, foi lançado pela editora Record *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, uma coletânea de quase 200 artigos do professor Olavo. Segundo Felipe Moura Brasil, organizador e prefaciador do livro, Olavo de Carvalho significava o inverso da educação deprimente no país e podia oferecer saídas para o ensino superior setorizado, a formação escolar militante, a mídia desonesta, o empresário ignorante, a falta de discernimento entre o essencial e o irrelevante e, ainda, a culpa, a loucura e a tristeza.

Se as universidades formam habitantes de cada departamento, Olavo orienta você a ser um habitante da cultura. Se as escolas fabricam um exército de militantes, Olavo indica o caminho para voltar a ser gente, de preferência madura. Se a mídia encobre a realidade com eufemismos, Olavo alfabetiza você de novo, chamando as coisas pelo nome, doa a quem doer. Se o empresário dá provas de ódio ao conhecimento, Olavo dá receitas de como alcançá-lo, incutindo ao mesmo tempo esse desejo. Se o ambiente visual



urbano torna o essencial indiscernível do irrelevante, Olavo conduz você pela selva, enquanto vai ordenando o caos. Se o acesso a lazares e prazeres ilimitados infunde nas pessoas um sentimento de culpa traiçoeiro, Olavo mostra com quantos sacrifícios se restitui a sanidade, em prol de uma felicidade duradoura (CARVALHO, 2015, p. 19).

O depoimento de Felipe Moura Brasil nos indica como muitas pessoas passaram a se relacionar com as ideias e a figura do autodeclarado filósofo. Olavo Carvalho conquistou alunos, seguidores e, não é demasiado dizer, “devotos” que dizem que ele operou mudança significativa em suas vidas, espécie de “descortinamento” ou “encontro com a verdade.” Apesar da pesquisa se propor centrar na luta política e ideológica travada pelo ideólogo, essa questão não pode ser descartada visto o seu potencial de reflexão sobre as diferentes dimensões, performances e facetas que o anticomunismo pode assumir dentro do campo das direitas e da sociedade.

Dessa maneira, a pesquisa propõe ser uma contribuição para os novos estudos sobre direitas políticas, que no Brasil possui referências como Camila Rocha, Letícia Cesarino e Janaína Cordeiro. Além disso, pretende-se colaborar com a história do anticomunismo e do ultraconservadorismo no Brasil, esforço esse, por exemplo, já realizado por Hélgio Trindade e Rodrigo Pato Sá Motta.

Camila Rocha notou não ser possível entender a atuação de grupos à direita como puros reflexos da posição de elites econômicas que, nesta chave, despejariam recursos intermináveis nessa militância. Ainda que financiamentos aconteçam, eles não podem sozinhos explicar o sucesso/fracasso da direita como mobilizadora da sociedade civil. Nesse sentido, segundo Rocha, outros quesitos precisam ser analisados, como: 1) o potencial para criar novas identidades e pertencimentos 2) dinâmicas emocionais que surgem a partir de contextos e conflitos e 3) a habilidade de operação nos locais onde esses discursos políticos circulam, como as redes sociais no caso das novas direitas (ROCHA, 2019, p. 194).

Para Letícia Cesarino, as possibilidades anti-estruturais das mídias digitais (por exemplo, a linguagem de *memes*) ajudou a forjar o contemporâneo discurso populista. Frases de efeito, slogans, imagens, vídeos curtos e outros carregam ambiguidades entre a ironia e a sinceridade, a piada e a seriedade, a falsidade e autenticidade, ou seja, uma gama enorme de possibilidades performáticas que criam margens para afirmações infundadas, negações e retóricas contraditórias (CESARINO, 2020, p. 420). Ao mobilizar categorias de análise do

antropólogo inglês Victor Turner, Cesarino elaborou fases de construção desse discurso populista brasileiro, como a suspensão da estrutura social (*liminaridade*), comunidades sociais formadas (*communitas*) e o núcleo cultural demarcado.<sup>5</sup> Essa análise foi feita em cima de dados coletados em sua etnografia online em grupos bolsonaristas no WhatsApp.

Ao analisar a Marcha da Família com Deus pela Liberdade que aconteceu às vésperas do golpe militar de 1964, Janaína Cordeiro pontuou a pluralidade de pautas e grupos sociais envolvidos o que contraria certo imaginário construído na esquerda de um desfile *café-society*, ou seja, elitizado e despolitizado (CORDEIRO, 2021, p. 4). A ideia da Marcha nasceu da compreensão de amplos e diversos setores da direita brasileira que era necessário uma resposta urgente ao bem-sucedido comício de Jango pelas reformas. Entre tais setores, ela destacou a importância, em São Paulo, da União Cívica Feminina (UCF), grupo fundado, em 1962, por mulheres oriundas, principalmente, das elites e classes médias (CORDEIRO, 2009). movimento se utilizou da imagem do feminino e da mãe não para “despolitizar”, mas para construir o argumento que a vitória sobre Jango transcendia a mundana e “suja” política e atingia questões mais importantes, como a da família. Além disso, Cordeiro notou outros elementos pujantes nesses discursos, como a defesa da ordem legal e da democracia de caráter ocidental e anticomunista (CORDEIRO, 2021, p. 17).

No caso, propriamente, do anticomunismo, Rodrigo Patto Sá Motta realizou pesquisa de resultado expressivo quando não resumiu o anticomunismo da década de 1930 e 1960 a mero fruto da histeria e da paranóia. Segundo Motta, não raras vezes a complexidade desse fenômeno foi restringida por análises superficiais e parciais que o definia como “fantasma” manipulado pela burguesia ou pura manifestação de irracionalismo e fanatismo. De maneira diferente, Motta compreendeu que a motivação anticomunista era o resultado de intrincada mistura entre convicção e instrumentalização.

Se, de um lado, não é factível acreditar que as representações apresentam uma imagem perfeita da realidade, por outro não se deve supor a inexistência total de correspondência entre os dois fatores (MOTTA, 2000, p. 9-12).

---

<sup>5</sup> Segundo Cesarino, as redes sociais são capazes de potencializar a *liminaridade* nas sociedades ocidentais, visto que criam uma episteme de intenso caos moral e social, mas, ao mesmo tempo de soluções simplistas. Essas ideias a reforçam cada vez mais a partir do momento que a realidade online as preserva das contradições do mundo social. Nesse ambiente, forjam-se novas identidades, intensa camaradagem e igualitarismo. (CESARINO, 2020, p. 413-417).



Sobre esse engajamento político da direita radical, não podemos deixar de mencionar a pioneira pesquisa de Héglio Trindade sobre Plínio Salgado e o integralismo. Trindade, ainda em 1979, propôs métodos não convencionais para a análise histórica como a análise *psico-sociológica* em cima de entrevistas e questionários. Além disso, o trabalho se torna referência aqui porque ele buscou depurar as origens sociais e as motivações que levaram as pessoas àquele engajamento em prol de ideais não democráticos, inquirições que também pretendemos realizar aqui (TRINDADE, 1979, p. 129).

Em suma, esses estudos trazem contribuições ímpares para esse trabalho e o campo geral dos estudos políticos. Dessa maneira, é válido e inovador propor uma pesquisa histórica que dê centralidade à figura de um anticomunista e sua trajetória intelectual e política a fim de contribuir para a melhor compreensão do anticomunismo na então recente democracia brasileira do final do século XX e início do XXI. Ainda que o número de reportagens e artigos acadêmicos sobre o anticomunismo e as direitas radicais esteja em franco crescimento, o número de pesquisas de fôlego sobre, propriamente, a figura de Olavo de Carvalho ainda é restrito.<sup>6</sup>

Em 2012, Lucas Patschiki defendeu dissertação de mestrado sobre os discursos políticos e as redes de apoio do site Mídia Sem Máscara (MSM) de 2002 a 2011. O trabalho trouxe nomes e análises daqueles que publicavam textos de cunho filosófico e político no site, e ainda outros sites, instituições e empresários que colaboravam com o MSM. Em suma, segundo Patschiski, era mesmo o anticomunismo o principal componente ideológico articulador daquela teia (PATSHIKI, 2012, p. 16). Vale destacar que Patschiski trouxe informações importantes sobre a vida do principal responsável pelo site, como relatos da infância e tabelas de palestras e serviços editoriais realizados por Olavo de Carvalho, principalmente, nos anos de 1990 e 2000 (PATSHIKI, 2012, p. 30-34).

A cientista política Camila Rocha finalizou, em 2018, sua pesquisa de doutorado sobre as novas direitas e mostrou como a figura de Olavo de Carvalho e suas ideias já eram conhecidas e debatidas entre os círculos digitais que reuniam conservadores, liberais e *ancaps* (anarcocapitalistas) (ROCHA, 2019, p. 120-121). Segundo Rocha, a nova direita brasileira emergiu, primeiramente, de comunidades do Orkut, visto que internet serviu como um refúgio

---

<sup>6</sup> Segundo Janaína Cordeiro, foram jornalistas, sociólogos e cientistas políticos que realizaram, até os anos 1990, os principais trabalhos sobre partidos e movimentos de direita no país. Entre os historiadores, ainda que pesquisas sobre o integralismo já acontecessem desde os anos 1970, o interesse pelo tema se deu, acompanhando a tendência mundial, nas últimas duas décadas (CORDEIRO, 2022, p. 659).

para o debate de pessoas que eram contratárias a alta aceitação social do Partido dos Trabalhadores e ao crescimento das ideais progressistas na década de 2000.<sup>7</sup>

Em 2020, o professor estadunidense da Universidade do Colorado, o etnógrafo Benjamin Teitelbaum, publicou livro sobre tradições filosóficas e também lugares e conversas que manteve, durante 2018 e 2019, com três expoentes pensadores da atual extrema-direita mundial: Steve Bannon, Alexandr Dugin e Olavo de Carvalho. Segundo Teitelbaum, essa relação de Carvalho, Bannon e Dugin com o esoterismo e a escola perenialista/tradicionalista de Shuon, René Guénon (1986-1951) e Julius Evola (1898-1974) seria central na formação do pensamento anti-moderno, ultraconservador e radical dessa direita e seus líderes, como Bolsonaro, Trump e Putin (TEITEALBAUM, 2020).<sup>8</sup>

A despeito de seu conservadorismo católico e seu prestígio intelectual em alguns desses meios, Olavo de Carvalho fundou uma escola de astrologia e liderou ordens esotéricas islâmicas, na década de 1980, que o levaram a integrar a *tariqa sufi* (islamismo esotérico) Tradição e, depois, Maryamiyya do famoso intelectual perenialista suíço Fritjhof Schuon (1907-1998). Tais vivências também foram trazidas no livro *Meu pai, o guru do presidente: a face ainda oculta de Olavo de Carvalho* (2020) escrito por sua filha (CARVALHO, 2020). Heloísa de Carvalho rompeu com o pai em 2017, e contou no livro a história de uma família desestruturada e liderada por um sujeito ausente e excêntrico.

Apesar do escritor ter ganhado várias manchetes do noticiário nacional depois da guinada eleitoral duma direita radical e anticonstitucional, é importante frisar que sua atuação em prol de ideais conservadoras e antiesquerdistas precedem a esse momento. Antes mesmo da internet, Olavo de Carvalho já possuía uma atuação editorial e política de fôlego o que nos leva a investigar o seu anticomunismo não só dentro das novas direitas, mas de outras atuantes na nossa terceira república. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é entender o posicionamento – por meio das ideias, discursos e atuações - de Olavo de Carvalho em diferentes momentos de sua trajetória. Quais imagens do passado esse anticomunismo do final do século XX e início do XXI pode invocou e como ele se tornou atrativo para pessoas e

---

<sup>7</sup>Com a proliferação de contas anônimas se criou um ambiente livre para a expressão de ideias violentas e preconceituosas, assim como Angela Nagle observou na rede 4 chan, local de nascimento do ácido humor memético da alt-right estadunidense (NAGLE, 2017).

<sup>8</sup> Cabe citar também dois artigos. Leão e Neto disseram que se construiu uma visão messiânica de que Carvalho fora alguém simples, humilde e generoso que lutou contra uma tirania formada, sobretudo, pelo Estado, a academia e o comunismo (LEÃO e NETO, 2021). Leno e Fernando Daner identificaram no autor forte defesa da tradição judaico-cristã, da metafísica platônica-aristotélica e da relação direita e individual com Deus contra o coletivismo e a modernidade iluminista. (DANNER e DANNER, 2021, p. 368).



grupos políticos à direita? O que induziu liberais e conservadores, em diferentes momentos, a se aproximarem ou se afastarem de Carvalho? E, além disso, o que o levou a atingir lugar de tamanha importância na vida de muitas pessoas, espécie de mestre intelectual?

Como forma de sistematizar as fontes, dividimos a trajetória profissional e intelectual de Olavo de Carvalho em três fases. A primeira se deu, principalmente, na década de 1980 dentro do universo astrológico, esotérico e sufista, no qual Carvalho fundou uma escola de astrologia, a Escola Júpiter, e depois integrou duas organizações espirituais sufistas, a *tariqa* Tradição e a Maryamiyya.<sup>9</sup> A segunda, foi sua guinada ao conservadorismo cristão e ao anticomunismo na década de 1990, momento que se colocou, propriamente, como filósofo e, depois, publicou artigos de opinião para grandes jornais da mídia brasileira. E a terceira, a partir de meados dos anos 2000, quando Olavo ganhou popularidade pelos canais da internet e posição de referência para jovens e militantes das novas direitas brasileiras.

Importante dizer que não se pretende com essa divisão instaurar três “represas” analíticas, como se fosse possível eleger três personas em três momentos históricos distintos. Sabe-se que essas partes ligam-se, complementam-se e misturam-se em diversos aspectos e, na verdade, sua utilidade está mais na possibilidade de ter, como ponto de partida, uma visão panorâmica da trajetória do autor que auxilie na localização e agrupamento das fontes de pesquisa. Dentre esses três momentos realçados, focaremos na segunda e na terceira, visto que são essas que possuem caráter mais politicamente combativo, porém não descartaremos a primeira fase quando ela jogar luz sobre as outras.

As fontes documentais que serão utilizadas podem ser agrupadas entre textuais, digitais, audiovisuais e orais. Sobre, propriamente, a produção intelectual do autor selecionamos 11 livros e mais de 300 artigos publicados no *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Jornal do Comércio* (SP), revistas *Época*, *Veja* e *Bravo!* e outros sites e portais entre, principalmente, 1994 e 2014.<sup>10</sup> Junto dessas, contaremos com entrevistas gravadas e disponíveis em seu site, como na TV Cultura (1989), Globo (1996), TV PUC-SP (1997),

---

<sup>9</sup> O sufismo é uma corrente religiosa mística do Islã. Constituído por ordens de iniciação (*tariqas*) e seus mestres espirituais (*shêikh*), o sufismo crê na aproximação do plano celestial e suas grandes verdades através de estudos e práticas ritualísticas esotéricas. Com longa tradição no mundo não ocidental, as *tariqas* chegaram ao ocidente, sobretudo, na segunda metade do século XX (SILVA FILHO, 2012).

<sup>10</sup> A seleção dos livros aconteceu a partir da relevância que o próprio autor as atribuiu e a pertinência delas diante das questões aqui levantadas. Segue a lista: *Astros e símbolos* (1985), *Astrologia e religião* (1986), *Gêneros literários e seus fundamentos metafísicos* (1992) e *Símbolos e mitos no filme O silêncio dos inocentes* (1992), *A Nova Era e a Revolução Cultural* (1994), *O Jardim das Aflições* (1995), *O Imbecil Coletivo* (1996), *O futuro do pensamento brasileiro* (1997), *Os EUA e a Nova Ordem Mundial* (2012), *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (2013), *O mundo como jamais funcionou* (2014).

Bandeirantes (1998), Rede Vida (2004) e ainda *lives* realizadas em canais do YouTube, como a realizada para o cantor Lobão em 2013. Cabe ainda destacar arquivos de áudio de palestras, como aquelas no evento Fórum da Liberdade - um dos mais importantes do engajamento pró-liberal no país – e de seu programa semanal TrueOut Speak.

No que tange sobre relatos, análises e depoimentos sobre o autodeclarado filósofo dividi-las-emos entre: 1) pessoas íntimas e amigos desde os anos 1990, 2) ex-alunos, admirados e seguidores e 3) pessoas que se identificam como de direita e discordaram e romperam com as posturas e ideias do ideólogo. Essas fontes se encontram em livros, artigos, textos, *lives* gravadas em canais do YouTube e entrevistas realizadas por essa pesquisa com aprovação do Conselho de Ética. Tal divisão e seleção buscaram contemplar diferentes visões de grupos e segmentos políticos do campo liberal e conservador sobre a figura do ideólogo aqui em questão. Como critério de escolha, valemo-nos do grau de proximidade ou rivalidade com a figura de Olavo de Carvalho, a magnitude e alcance do engajamento político e a relevância política dentro do campo das direitas.

Para lidar com as fontes digitais, a pesquisa se valerá de certas precauções a fim de averiguar a integridade, autenticidade e historicidade dos fatos. Segundo Andreas Fickers, apesar dos milhões de dados disponíveis nas redes, muitos desses não são acompanhadas de informações que tragam segurança de um documento histórico, como data de produção, autoria, funcionalidade, intencionalidade e circulação (FICKERS, 2012, p. 25 apud FRIGO, 2022, p. 96) Dessa forma, a pesquisa não se utilizará de dados que não consiga satisfazer esses critérios o que implica também trazer para a análise os suportes tecnológicos, bases e espaços digitais onde foram encontrados. Por exemplo: vídeos, textos longos em sites, textos curtos em perfis de redes sociais, comentários e reações a outras postagens cumprem lógicas de interação e visualização distintas no meio digital que não podem ser ignorados na hora de analisar os conteúdos ali presentes.

Do mesmo modo, sobre fontes não digitais, as análises sobre os textos e discursos de Olavo de Carvalho estavam inseridas num conjunto maior, como grupos políticos, grupo editoriais e canais televisivos que não podem ser considerados mero detalhe. Assim, a fim de poder entender os sentidos e os alvos desses discursos, é preciso considerar redatores, principais colaboradores, formas de financiamento, relações com o poder e instituições, enfim, um rol complexo que inclui pensar os conceitos de sociabilidade, *redes e microclimas*,

tal como propostos por Jean-François Sirinelli e Tania Regina de Luca (SIRINELLI, 1996) (LUCA, 2005).

A preparação, trato, produção, armazenamento e descarte da documentação oral seguirão o protocolo ético aprovado no Conselho de Ética. Buscaremos aqui realizar aquilo que Alessandro Portelli chamou de *arte da escuta*, que é a clareza do propósito do trabalho e a abertura do historiador à escuta e ao diálogo que possibilitará chances para o entrevistado se abrir (PORTELLI, 2016, p. 15-18). Importante ressaltar que não se pode perder de vista que a recordação não é algo linear e passiva e os fatos reconstruídos ganham novos ressignificados através do trabalho de memória. Como nos lembra Le Goff, não há neutralidade no ato de lembrar ou escrever a história, seja esse fruto de diferentes instâncias, grupos da sociedade ou indivíduos (LE GOFF, 2003).

Como categoria de análise, contaramos com o suporte teórico de Hannah Arendt e, principalmente, seu conceito de *ralé*. Segundo Arendt, a *ralé* (mob) seria formada pelo subproduto da burguesia e, também, por indivíduos que sentem desprestígio ou desprestígio em suas próprias classes sociais. Outra característica marcante dessa seria a inclinação para procurar verdadeiras forças políticas nos bastidores e em grupos secretos, como mações, jesuítas e judeus.<sup>11</sup>

É válido esclarecer que não se deve confundir o termo com o uso popular da expressão que carrega tom pejorativo e significa plebe, pobreza e ignorância. De qualquer forma, não se pretende tomá-lo aqui como tipo de modelo sociológico ortodoxo, mas como possíveis contornos de uma forma de estar, sentir e pensar a sociedade que não nasceu, propriamente, com a era digital, as redes sociais e as direitas radicais do século XXI. O conceito se torna útil para a pesquisa porque acreditamos que ele permitirá averiguar o quanto é possível relacionar classe, frustração e ressentimento com anticomunismo e negacionismo histórico e científico.

Partindo de Arendt, apostamos que o ato de pertencer a uma suposta *ralé* passa menos por questões objetivas do que subjetivas, e essas, sem dúvida, são objetos da nossa história do tempo presente. Beatriz Sarlo ao abordar a relação entre história do tempo presente e sensibilidades, reivindicou a importância da dimensão subjetiva para o campo a partir do resgate historiográfico de sujeitos histórico e suas experiências individuais (SARLO, 2007, p.

---

<sup>11</sup> Não se deve confundir o termo *ralé* de Arendt com o uso popular da expressão que carrega tom pejorativo e significa plebe, pobreza e ignorância. Segundo Arendt, a *ralé* vê nos líderes autoritários a chance de colocar seu “expressionismo político” em prática, ou seja, a frustração, o ressentimento e o ódio (ARENDR, 1989, p. 129 a 140).



18 apud ARAÚJO, 2022, p. 3). Sentimentos e emoções passaram a serem objetos de estudo dos historiadores porque se sabe que eles são modelados pelo tempo histórico e também ajudam a tecê-lo (ARAÚJO, 2019).

Como bem nos lembraram Avelar e Schmidt, não se pode mais desconsiderar - e essa pesquisa é prova cabal disso - a dimensão empática que envolve a escrita da história (AVELAR & SCHMIDT, 2018, p. 9). Ao falar sobre disso, Enzo Traverso reforçou como a empatia com vítimas e vencidos é algo indispensável ao historiador, mas, por exemplo, na situação de Hannah Arendt e seu mergulho na mentalidade do nazista Adolf Eichmann, outra forma de empatia foi necessária. Diferente da empatia unilateral com os vencedores denunciada por Walter Benjamin, há aquela que se pode chamar de empatia crítica, ou aproximação heteropática, segundo LaCapra (LACAPRA, 1998, p. 41 apud TRAVERSO, 2012, p. 44). Essa é então a empatia que pretendemos incorporar para tratar de uma figura que incitou o ódio contra movimentos sociais e minorias políticas e colocou em cheque, num momento de sofrimento e morte, a eficácia da ciência e da vacinação contra a Covid-19.

## Referências

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. “Violência, trauma e testemunho: desafios para uma historiografia latino-americana”. In: ELIBIO, Antônio; PINHEIRO, Rafael; SCHURSTER, Karl (Orgs.). **Tempo Presente: uma história em debate**. Rio de Janeiro: Autografia; Recife: EDUPE, 2019.

ARENDR, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso. **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

BIANCHI, Alvaro; MUSSI, Daniela. *Antigramscismo na América Latina: circulação e tradução de ideias*. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 37, p. 1-29, 2022.

CARVALHO, Heloísa de. **Meu pai, o guru do presidente: a face ainda oculta de Olavo de Carvalho**. Curitiba: Kotter Editorial, 2020.

CARVALHO, Olavo. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2015.

CARVALHO, Olavo de. Bandidos & Letrados - I. **Jornal do Brasil**, p. 11, 20 de dez. 1994. Opinião.

CESARINO, Leticia. How social media affords populist politics: remarks on liminality based on the Brazilian case. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, p. 404-427, 2020.



CORDEIRO, Janaína. Neofascismo no Brasil: o local, o global e as circulações. **Esboços**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 657-664, set./dez. 2022.

CORDEIRO, Janaína. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo: direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964. **Revista de história**, São Paulo, n.180, 2021.

CORDEIRO, Janaína. *Direitas em movimento. A Campanha da Mulher pela Democracia e a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CRUZ, Natalia dos Reis. O Pensamento Olavista sobre a Nova Ordem Internacional. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 15, n. 39, e0201, ago. 2023.

DANNER, Fernando & DANNER, Leno Francisco. “Alguém tem de dizer aos negros a verdade”: Olavo de Carvalho sobre a contribuição negro-africana à cultura ocidental. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa – BA, v.21 n.3, p.351-374, outubro, 2021.

FICKERS, Andreas. Towards a new digital historicism? Doing history in the age of abundance. *Journal of European Television History and Culture*, v. 1, n. 1, 2012. Apud FRIGO, Denise. Usos das fontes digitais: uma análise de teses e dissertações de programas de pós-graduação em História no Rio Grande do Sul (2015-2017). **Tese** (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2022.

GRIMALDO, Sílvio. LíderCast 282 – Sílvio Grimaldo. **Café Brasil**, 20 de jul. 2023. LíderCast. Disponível em: <https://portalcafebrasil.com.br/lidercast-282-silvio-grimaldo/>. Acesso em: 2 de out. 2023.

LEÃO, Daniel Velasco e NETO, Paulo da Costa Pereira. Facetas do Gurudo Presidente: Representações audiovisuais de Olavo de Carvalho no YouTube e em O Jardim das Aflições. **Em Tese**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 214-244, set./dez., 2021.

LACAPRA, Dominkk. *History and Memory: In the Shadow of the Holocaust, History and Memory After Auschwitz*. Ithaca: Cornell University Press, 1998. Apud TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MANSO, Bruno Paes. **A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. **Tese** (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

NAGLE, Angela. **Kill all normies: online culture warm from 4Chan And tumblr to Trump and the Alt-Right**. Washington: Zero Books, 2017.

PATSCHIKI, Lucas. Os litores da nossa burguesia: o Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011). 2012. **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campos Marechal Rondon, Paraná, 2012.

- PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- ROCHA, Camila; MEDEIROS, Jonas. Jair Bolsonaro and the Dominant Counterpublicity. **Brazilian Political Science Review**, v. 15, p. e0004, 2021.
- ROCHA, Camila. *'Menos Marx, mais Mises'*: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2018. **Tese** (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SALGADO, Plínio. **Doutrinas e táticas comunistas (noções elementares)**. Rio de Janeiro; Livraria Clássica Brasileira, 1956.
- SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Apud ARAÚJO, Maria Paula Nascimento e SILVA, Izabel Pimentel da. Apresentação do Dossiê: Sensibilidades e História do Tempo Presente. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 14, n. 36, e0100, set. 2022, p. 3. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180314362022e0100/14762>. Acesso em: 23 de out. 2023.
- SILVA FILHO, Mário. A mística islâmica em *terrae Brasilis*: o sufismo e as Ordens Sufis em São Paulo. 2012. 174 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2012.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.
- TEITEALBAUM, B. **Guerra pela eternidade: O retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2020.
- TRINDADE, Hégio. **Integralismo (O fascismo brasileiro na década de 30)**. São Paulo: Difel, 1979.
- TURNER, Victor. **Forest of symbols: aspects of Ndembo ritual**. Ithaca: Cornell University Press, 1970.